

O VALOR DO PAPEL

BIANCA BRAGA DE CARVALHO³¹¹

Queria o misto quente. O misto com presunto, queijo e um pouco de orégano na medida certa, esse sim era seu preferido. Porém estava cinco reais. Em compensação, o *queijo* quente estava três e cinquenta, e se fosse pegar o combo com suco de laranja e bala de hortelã, aí somava cinco. Valia mais a pena pegar o combo.

—Tia, vê o combo queijo!

Entregou uma nota de dez reais, retornou—lhe cinco, e logo já enfiou o troco na carteira.

Enquanto comia o lanche, refletiu sobre o *valor* das coisas. Essa palavra ele já ouvira antes: era polissêmica. Podia ser valor de reais, ou podia ser valor de pensar chique. Já pensar chique ele não pensava, mas gostava de saber os Reais das coisas. Aquele custa alguns reais, já aquilo outro era mais não sei quantos reais. Ele sabia de cor. Era bom em matemática. Seu pai chamava isso de calcular *custo benefício*. Nome chique também. Tudo era chique.

No dia seguinte, foi comprar o lanche de novo e dessa vez optou pela pipoca. A pipoca era coisa outra, era dois reais! E no combo, vinha um suco de cajú e um doce de abóbora. Aí era quatro e cinquenta, e sobrava mais cinco reais - e uns cinquenta centavos ainda! Era esse mesmo.

—Tia, vê o combo pipoca, por favor!

Retornou-lhe cinco e cinquenta, e ele já vibrou. Rapidinho vou ter um dinheirão!

No outro dia não teve jeito. Queria o misto quente e não conseguia se conter. Em compensação, tinha economizado no dia anterior, então podia se dar ao luxo de optar por um combo misto — seis e cinquenta! Tudo bem, economizo noutro dia, pensou ele.

—Tia, vê o combo misto!

E assim foi indo, todos os dias, nesse balanço de economias sagazes de um menino de oito anos. Seu pai um dia dissera que economia significava *gestão da casa*. Achou estranho, porque gestão da casa era quem fazia sua mãe, e não ele, comprando um lanche ao invés do outro. Mas achou divertido ter nome para todas as coisas.

Na sexta-feira era um dia especial, todas as crianças iam ficar no pátio, e ia ter pipoca de graça, sorvete e coxinha. Aí era demais, porque ele não ia ter que gastar nada e podia comer de tudo! Só não tinha misto, mas bastava o resto. Enquanto comia o sorvete, sentado na quadra com os colegas, viu pelo portão um moço varrendo o chão.

—João, que faz aquele ali? - apontou.

—Ele varre o chão, tonto - respondeu o amigo.

—Eu sei que ele varre o chão, João, mas qual o nome disso?

João queria apreciar sua pipoca.

—É varredor de chão, ué.

Já percebeu que não ia achar resposta dele. Perguntou à Tia que cuidava do corredor.

—Ele é gari! - ela respondeu, e continuou andando.

³¹¹

Graduação em nutrição na Universidade de São Paulo. E-mail: biancabragac@usp.br.

Gari? Mas o que isso tem a ver com varredor? Bom, fosse qual fosse o nome, pensou ele, era o melhor emprego do mundo. Havia concluído isso depois de uma conversa com o próprio funcionário, e compartilhou o sentimento com os amigos. A princípio, não foi compreendido.

—Eu hem, por que o melhor emprego do mundo?

Os olhos do menino brilharam. Queria que lhe fizessem essa pergunta.

—Ele varre o chão todo dia. Eu tenho que varrer meu quarto, mas nem recebo por isso. E ele levanta cedo, mas logo cedo já volta para casa. Imagina quanto tempo ele tem para jogar video game! E comendo misto quente!

Os amigos se impressionaram com a assertividade, e começaram eles mesmos a analisar os benefícios. Pensando bem, parecia legal.

—Sem contar que, imagina... se é você que mantém tudo limpo e organizado, todos em volta devem adorar você!

—Que nem a minha mãe! - replicou João. Todos assentiram, tocados pela possibilidade de ser *Gari...* ou mãe. Até o próprio João se interessou pela segunda opção. Mas desistiu quando lembrou que não há salário para essa. Na verdade, o primeiro também não ganhava tanto assim... pelo menos não em dinheiro.

Em casa, foi contar para a mãe que queria ser Gari. Essa, por sua vez, interveio: a gente chama de agente, meu bem. Agente ambiental.

Lá vão elas de novo, as palavras! Tudo tem nome, e a força dos nomes é estranha. Se chamar uma coisa de um nome que não é pode dar problema e ir para a diretoria. Ele já fazia questão de prestar atenção ao nome das palavras para não ter encrenca, queria passar despercebido pela direção. Não queria levar bronca.

Passados três meses nesse sistema de *custo benefício*, já economizara uma grande quantia em trocos de cantina escolar. Juntou tudo que tinha num envelope pardo muito chique que pedira à mãe para lhe dar, separou moedas de papéis, contou direitinho duas vezes, escreveu a próprio punho tudo que tivera juntado e colocou o número no envelope com caneta permanente. Era sexta-feira então estava bem. Sentou no sofá com a mãe e a avó, e já era passado das nove da noite e continuava firme acordado. A mãe chegou até a questionar, mas ele pediu para aguardar pois não teria aula no dia seguinte. Ela autorizou.

Onze horas da noite, e mais meia, já debaixo de forte chuva e vento, a porta abriu. Era o pai. Ele chegara com sua maleta e sacudia o guarda-chuva para tirar o excesso de água. O menino tentou esconder a empolgação. O pai se ajeitou, jantou, e finalmente sentou na sala com todos. Era chegada a hora. Ia contar para ele.

—Pai - falou o menino, e pegou o papel pardo. Arrastou sobre a mesa de centro de vidro em sua direção.

—Que é isso? - perguntou o pai, curioso. O menino pediu para que abrisse. Abriu, e viu que era uma soma em dinheiro.

Todos em volta ficaram boquiabertos. Ninguém falou nada. O pai quebrou o silêncio.

—Onde arranjou isso?

O menino, empolgado, explicou o trabalho que fora juntar os reais. Tudo foi ao *economizar* no lanche da escola. Disse até que segurou a vontade de comer misto todo dia, mas que tinha sido por uma boa causa.

—Pai, ouvi mãe dizer que a sua hora custava um *valor* - o menino entrelaçou os dedos - então juntei o *valor* de um dia para você não precisar trabalhar fora. Vamos poder jogar video games!

Aproveitando que estavam boquiabertos, ainda complementou.

—Eu vou ser é agente ambiental quando crescer. Descobri que o *valor* do papel não vale tanto assim.

Preferia voltar cedo para casa todo dia e aproveitar e viver.